

Compositor encomendou pesquisa ao Ibope para definir local de construção do Maracanã

Ary Barroso ajudou a plantar o Maracanã

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Os brasileiros ainda cantariam pérolas como *Nabatucada da vida*, *No tabuleiro da baiana*, *Pra machucar meu coração*, *Na baixa do sapateiro* e *Aquarela do Brasil*, mas o Maracanã, santuário do nosso futebol, poderia estar compondo a paisagem de Jacarepaguá, caso Ary Barroso não enveredasse pelo rádio e pela política. Além de compositor mais popular do País – entre astros como Haroldo Lobo, Herivelto Martins e Atilaf Alves – ele liderava a audiência também como locutor esportivo na Rádio Tupi do Rio, à frente de Oduvaldo Cozzi e Jorge Cury.

Eleito vereador do Distrito Federal pela UDN em 1946, perdendo em votação apenas para Carlos Lacerda, Ary Barroso fez uso do Ibope para manobra esperta em sua grande batalha pública, o local de construção do Maracanã. Em agosto de 1947, encomendou pesquisa de opinião para que a população escolhesse entre o terreno do Derby Club e uma restinga de Jacarepaguá. O Instituto foi a campo durante uma rodada em que quase todos os clubes atuavam: Botafogo x Olaria, Flamengo x São Cristóvão, América x Madureira, Bangu x Fluminense e Vasco x Bonsucesso. “Podemos contemplar as diversas torcidas”, comentava-se na pesquisa.

No placar geral, 56,8% dos entrevistados escolheram o Derby Club e 9,7%, Jacarepaguá; 6,9% sugeriram outras regiões como Centro, Gávea, Quinta da Boavista e Cascadura. A pesquisa indicava ainda que 79,2% achavam necessária a construção de um estádio para a cidade e 53,6% se dispunham a arcar com algum ônus tributário para que a prefeitura bancasse a obra. Os índices de aprovação, obviamente, garantiram o apoio da bancada majoritária à vontade de Ary Barroso.

O maior estádio do mundo começou a ser erguido em 2 de agosto de 1948, com 1.500 homens trabalhando. Nos últimos meses eram 3.000 operários. A arquitetura de formato oval mede 317 metros no eixo maior e 279 metros no menor. A altura do estádio corresponde a um prédio de seis andares. Os ferros utilizados dariam volta e meia no planeta; foram 500 mil sacos de cimento, 60.000 m² de pedras e 45.000 m² de areia.



Esta página encerra a série sobre a Coleção Ibope disponível no AEL.



Segundo gol do Uruguai na final da Copa de 1950, no Maracanã: pesquisa mostra que, quatro anos depois, carioca empolgava-se novamente

Tanto material exigiu 40 mil viagens de caminhões que, enfileirados, ocupariam toda a extensão da Rio-São Paulo.

Oficialmente, a capacidade do estádio era de 155 mil espectadores: 30 mil em pé nas gerais, 93.500 sentados nas arquibancadas e 30 mil nas cadeiras cativas, mais 1.500 nos camarotes. Esta capacidade não foi esgotada no jogo de inauguração, em 16 de junho de 1950, quando Didi marcou o primeiro gol do Maracanã, aos 10 minutos do primeiro tempo (placar que os paulistas viraram para 3 x 1 contra os cariocas). Exatamente um mês depois, em 16 de julho, quando o Brasil perdeu de 2 x 1 a final da Copa do Mundo para o Uruguai, 200.000 brasileiros choraram dentro do santuário.

A seleção ‘fantasma’ do Brasil

(Comentário do Ibope em junho de 1954)

Não obstante a ocorrência de 16 de julho de 1950, em que perdemos o título de melhor do mundo em pleno estádio do Maracanã, para decepção tremenda do Brasil inteiro, o carioca, parece que já recuperado daquele terrível impacto, consegue empolgar-se novamente pelos primeiros sucessos dos nossos jogadores e já não tem a menor dúvida em afirmar que seremos campeões, apesar da fama de que estão precedidos alguns dos finalistas este ano, e de estarmos disputando um certame em terra estranha sem a “cobertura” de 200.000 brasileiros que foi a assistência do Maracanã em 1950.

Com efeito, homens e mulheres, de todas as categorias sociais, instruídos ou sem instrução nenhuma, afirmam em sua imensa maioria, com uma convicção que faria inveja ao treinador Zezé Moreira, que o Brasil será o campeão de 1954.

(...) Não há, praticamente, nesse caso, vozes discordantes. Todos acreditam cegamente em que traremos a copa Jules Rimet da Suíça, custe o que custar.

Diante da convicção generalizada só podemos concluir que o carioca não acredita em adversários “fantasmas” quando está em jogo o selecionado do Brasil, ou por outra, ele acredita piamente em “fantasmas”, mas só que desta vez estes são os próprios jogadores brasileiros que estão na Suíça.

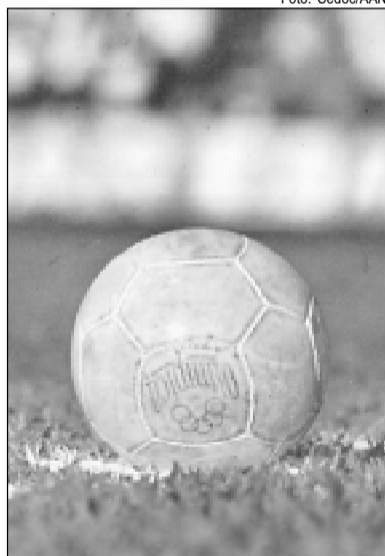
Que o digam os paraguaios e mexicanos...

Nota: A referência ao Paraguai se deve a uma batalha campal durante as eliminatórias (4 x 1). A estreia na Suíça seria contra os mexicanos, goleados por 5 x 0. O Brasil empatou com os iugoslavos na segunda partida (1 x 1) e em seguida foi atropelado pela máquina húngara (4 x 2). Na final, a Hungria foi parada pela Alemanha (3 x 2), campeã de 1954.

Levando-se em conta os jogos já realizados, acredita que ganharemos o campeonato mundial?

Sim	64%
Não	20%
Não opinaram	16%

Foto: Cedoc/AAN



A pílula da polêmica

A pílula anticoncepcional, que ofereceu às mulheres sexo separado da gravidez, chegou ao Brasil em 1962. Nos anos de 1967 e 1968, quando o Ibope realizou amplas pesquisas sobre o comportamento da mulher em São Paulo e no Rio de Janeiro, estimava-se que as farmácias já vendiam mais de 5 milhões de pílulas por mês. Embora o contraceptivo oral trouxesse alívio às mulheres casadas – limitadas a métodos incômodos e inseguros para controlar o número de filhos – e viesse a contribuir decisivamente para a liberação sexual na década seguinte, havia uma rejeição expressiva em torno dos 30%. A condenação do uso da

Foto: Reprodução/AEL

EU VOS UNO PELO MATRIMÔNIO
(EGO CONIUNGO VOBIS IN MATRIMONIUM...)

QUANDO o sacerdote profere essa frase sacramental: "ego coniujo vobis in matrimonium..." não é somente a felicidade conjugal que começa nesse instante subime da vida: é também o início de grandes responsabilidades morais e materiais, que precisam ficar asseguradas. Constitui, pois, um pedúlio garantido, subscrevendo títulos da Prudencia Capitalização.

Paga o pretenço de noivo um agosto ou precente, consultando nos cartões os valores seguros dos nossos diversos planos.

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO
COMPANHIA NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA

pílula pelo Papa alimentava a polêmica.

A mulher da época ainda idealizava um casamento aos 21 anos de idade, com noivo obrigatoriamente mais velho, programando três filhos que serviriam para consolidar a união. Numa das pesquisas, 48% das entrevistadas achavam que as crianças deveriam seguir acreditando em Papai Noel, no coelho da Páscoa e na cegonha. Quase 40% eram contrárias a métodos anticoncepcionais, enquanto 25% admitiam ter feito aborto. Entre as casadas, 88% se diziam felizes com o marido e 84% garantiam que sempre foram fiéis. Contudo, 63% das mulheres viam a melhor fase da vida na adolescência e 33% gostariam de ter nascido homens.

Na primeira quinzena de junho de 1967, o Ibope quis saber de universitários paulistas e cariocas sobre a vida acadêmica e sentimental. Aqueles jovens ouviam, pela ordem de preferência, bossa nova, o romântico tradicional e iê-iê-iê. Período dos grandes festivais de música brasileira, as vozes mais lembradas eram de Jair Rodrigues, Elis Regina, Nara Leão e Maisa. Liam Jorge Amado e Érico Veríssimo, enquanto Nelson Rodrigues aparecia em sexto lugar.

No sexo, 59% dos estudantes julgavam que a liberdade para moços e moças já era a mesma e 56% aprovavam que meninas tivessem “relações completas” antes do casamento. Na prática, porém, 88% admitiam que os homens procuravam mais as virgens para se casar e, 70%, que o respeito era menor para com aquelas que perderam a virgindade. Nesse sentido, a pílula anticoncepcional não era uma “boa solução moral” para 53%; e 70% não viam na pílula a superação do mito da virgindade, mesmo eliminado o risco de gravidez.

Familiae Vitae – Temendo que a pílula contribuisse para “aumentar a infelicidade feminina”, o Papa Paulo VI divulgou a encíclica *Familiae Vitae*, condenando a utilização do contraceptivo. O Papa, a mulher e a pílula era o título da pesquisa feita pelo Ibope junto a trezentas entrevistadas da Guanabara, em 1968. Mesmo que 72% delas carregassem forte o sentimento de que deviam conceber apenas quantos filhos pudessem criar, 28% afirmavam que “sempre se pode criar mais um”.

Variavam as perguntas nas pesquisas, mas permanecia em um terço a proporção de mulheres que viam a pílula como “um processo artificial que deve ser proibido por contrariar a religião e a moral” e como “um comodismo de quem não quer ter as dores do parto e o trabalho de criar mais filhos”. Poucas, entretanto, achavam que a encíclica evitaria o uso da pílula pelas católicas ou que elas seriam menos religiosas por isso.

ENTRE MULHERES

<input type="checkbox"/> É a favor de métodos anticoncepcionais?	
Sim	56%
Não	37%
<input type="checkbox"/> Acha certo querer evitar filhos por não ter condições de criá-los?	
É certo evitar	72%
Sempre se pode criar mais um	28%
<input type="checkbox"/> Qual sua opinião sobre a pílula?	
É ótima solução para controlar o número de filhos	68%
É um processo artificial que deve ser proibido por contrariar a religião e a moral	29%
<input type="checkbox"/> Já fez algum aborto?	
Sim	25%
Não	67%
Já pensou e desistiu	4%
<input type="checkbox"/> Usaria pílula anticoncepcional?	
Sim	69%
Não	30%

ENTRE ESTUDANTES

<input type="checkbox"/> Aprova que moças tenham relações completas antes do casamento?	
Sim	56%
Não	41%
<input type="checkbox"/> As moças tidas como “levianas” são mais desvalorizadas pelos homens?	
Sim	74%
Não	23%
<input type="checkbox"/> O surgimento da pílula tornou superado o problema da virgindade, já que não existe risco de gravidez?	
Sim	27%
Não	70%